

— Criaturas há que nascem solitárias — disse em tom irônico. — Mas a senhora também me dá a impressão de solitária...

Levemente surpreendida, Constance pensou antes de responder.

— Em parte, talvez, mas não tanto como supõe...

— E acha-me completamente solitário? — perguntou Michaelis com o seu sorriso de dor nevrálgica, tão profundamente melancólico.

— E não é assim mesmo? — disse ela encarando-o um pouco sem ar.

A terrível atração que estava sentindo por aquele homem quase a fez perder o equilíbrio.

— Sim, tem toda a razão — disse ele voltando a cabeça de soslaio e adquirindo a estranha imobilidade das velhas cepas — o que justamente fazia Constance perder o domínio de si própria. Ela sentiu dentro de si algo que gritava, que pedia. "Acho-a muito gentil por pensar em mim", concluiu Mick laconicamente.

— E por que não pensaria em si? — exclamou Constance, quase sem fala.

Michaelis sorriu o seu sorriso estranho.

— Oh!... Permita-me apertar a sua mão por um instante? — perguntou, fixando nela os olhos com força hipnótica e a emanar de si uma força que arrastava irresistivelmente.

Constance o mirou fascinada, tonteada, enquanto ele se punha de joelho diante dela e lhe tomava nas mãos os dois pés, escondendo o rosto em seu colo imóvel. Completamente tonta com a pressão do rosto de Mick em suas coxas, Constance não pôde evitar de correr a mão pela nuca do homem trêmulo.

Ele então ergueu a cabeça e encarou-a com os olhos brilhantes, cheios de terrível apelo. A moça não pôde resistir. De seu peito brotou a onda terrível de desejo correspondente à que inundava Michaelis. A partir daquele instante ela lhe daria o que ele quisesse.

Michaelis mostrou-se um amante muito delicado, todo ternuras, mas apesar disso atento a todos os rumores de fora

da saleta. Pouco a pouco sua ternura foi passando e ele voltou à tranquilidade normal. Constance passava os dedos macios sobre a cabeça que repousava em seu peito.

Súbito Michaelis ergueu-se, beijou-lhe as mãos, beijou-lhe os pés ocultos em sandálias Suede e em silêncio retirou-se para outro lado da saleta, onde ficou algum tempo de pé, de costas voltadas para a moça. Depois voltaram a sentar-se diante do fogo.

— Agora suponho que vai odiar-me — disse ele calma e resignadamente.

Constance o encarou.

— Por que havia de odiá-lo?

— É o que geralmente acontece — explicou Mick, e em seguida retificou: — Quero dizer, é o que nós homens esperamos das mulheres.

— Não acho próprio este momento para odiá-lo — murmurou Constance, ressentida.

— Sei, sei... Deve ser assim. Foi tão terrivelmente boa para comigo... disse ele em tom lastimoso.

Constance espantava-se daquele tom. Ele estava novamente de pé. "Por que não se senta?"

Mick voltou um olhar para a porta.

— Clifford... Não estará ele nos...

— Talvez — murmurou Constance. — Não quero que Clifford saiba. Doer-lhe-ia demasiadamente — mas não há mal nenhum nisto, não é assim?

— Mal? Meu Deus! Não. Só que a acho infinitamente boa para mim. Quase não posso suportar isso.

Michaelis voltou-lhe as costas, quase a soluçar.

— Sim, não devemos deixar que Clifford suspeite de nada. Se de nada souber e de nada suspeitar será como se nada houvesse — disse a moça.

— De mim, Clifford jamais suspeitará coisa alguma, asseguro. Eu a prejudicar a mim mesmo! Ah, ah! e Michaelis riu-se cinicamente a tal idéia. Constance observava-o. "Permita-me que lhe beije a mão?" — disse ele. — Vou a Sheffield, onde tomarei meu lanche, e estarei de volta para o chá. Quer alguma coisa de Sheffield? Posso estar seguro de que não me odeia? Oh, quem não me odiará! — concluiu com uma desesperada nota de cinismo.